



O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA
Fundado pelo Movimento de Revigoração da Igreja

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactor: J. Soares Carvalho — Redacção: Calçada das Lages, 6-Lisboa — Administrador: Joaquim P. Cabral-Sto. Ovídio - V. N. de Gaia
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

Necessitará a Igreja Lusitana de um Bispo próprio?

Pelo REV.º NORMAN B. NASH

Bispo encarregado das Igrejas Episcopais Americanas na Europa.

FOI-ME pedido para dizer em poucas linhas as razões que me levam a crer que a Igreja Lusitana estaria mais apta a encarar os seus problemas e mais livre para crescer se tivesse um Bispo próprio, em vez de depender de Bispos visitantes Anglicanos, como actualmente faz.

Para começar, deixai-me dizer que não concordo com os que sustentam a ideia de que só uma Igreja com Episcopado, recebendo as suas ordens de uma sucessão de bispos que ascende aos primeiros séculos da Cristandade, pode fazer parte real da Igreja histórica, fundada por Cristo e Seus apóstolos. Creio contudo que a «Sucessão Apostólica» é um grande tesouro, cuja perda para muitas Igrejas da Reforma Protestante foi um desastre. A recuperação desse tesouro é uma parte vital do grande movimento ecuménico do nosso tempo, que busca reunir as Igrejas actualmente divididas.

A Igreja Lusitana tem tido o auxílio da Comunhão Anglicana por meio de bispos visitantes que ordenam os seus clérigos e confirmam os seus comungantes; e alguns clérigos, creio eu, receberam instrução teológica em colégios ingleses ou irlandeses.

Porque não pode então a Igreja Lusitana continuar assim? Pelas seguintes razões, a meu ver.

1. Hoje em dia a maioria das Igrejas que se tem alastrado de um país para outro reconhece que logo que seja possível devem as novas Igrejas ter a sua organização, na sua própria terra e entre os seus membros. Aos ramos mais antigos da Igreja pode ainda com razão ser pedido auxílio, até que o novo ramo esteja suficientemente desenvolvido e robusto para dispensar o auxílio; mas quanto mais cedo o novo ramo se puder erguer firme, com o seu ministério de bispos, presbíteros e diáconos, mais pronto estará para enfrentar as experiências que a mudança de circunstâncias pode trazer. Já, por assim dizer, cresceu e deixou de ser criança. Tendo sido filha, tornou-se Igreja-irmã. Devo acrescentar que até nas Igrejas cuja organização conserva todos os seus ramos naturais permanentemente debaixo da autoridade administrativa de um Papa ou de um Patriarca, há uma forte tendência para se ter o mais depressa possível clero nacional, incluindo bispos. Como Anglicano Americano, dou sincera preferência ao estímulo desta Comunhão, em todo o mundo, para se criarem não somente ministérios nacionais, mas até uma autonomia completa, e urgente, em cada província da Comunhão.

2. Não importa quão desejoso ou compreensível seja o bispo visitante, pois, mesmo que ele fosse um mestre na língua portuguesa, nunca poderia ser tão eficiente no ministério como um Português natural, que vive e ministra no seu próprio país, em comunhão cristã

A IGREJA REFORMADA EM PORTUGAL

Se analisarmos conscientemente a posição religiosa do nosso país no mundo moderno, não nos repugnará aceitar axiomáticamente que a Igreja Reformada tem em Portugal uma imensa obra a realizar. Mas enquanto ela não ascender à posição, que lhe está, sem dúvida, reservada no desenvolvimento hodierno da nossa terra, têm os sectores dissidentes das Igrejas Reformadas, a par da tradicional Igreja de Roma, a benção e a responsabilidade do Ministério da Palavra, da Fé e da Liturgia. O espírito de seita iconoclasta protestante não é, certamente, o mais desejável para continuar a educação religiosa de um povo de tradições litúrgicas seculares e com um sentido terroso e probo da autoridade eclesiástica, que o tempo já provou ser necessária e indispensável na orientação religiosa. Também não é da jactância e da acídia criadas pelo orgulho da tradição que o povo necessita. Falta-nos, sim, encontrar o domínio pacífico da virtude moderada numa tese que, não se baseando nos ouropéis vulgares de correntes agressivas, saiba estabelecer, com o auxílio de uma liturgia propedêutica e refrescante, sustentada por uma hermenêutica inteligente, a pulcritude das verdades evangélicas.

Para isso não basta a intelcção de autodidactas que quase sempre leva a interpretações anacrónicas e a vaidades que a ética não absolve; é imprescindível que se resuscite o gosto pela leitura dos originais bíblicos, comparando-os com os Hagiógrafos ortodoxos, com os escritos dos Reformadores e com as doutrinas mais sóbrias dos coevos.

Este estudo exigirá do candidato ao Sagrado Ministério uma

NOTAS E COMENTÁRIOS

Depois de tantos anos, surge, enfim, a grande oportunidade de ser eleito um Bispo para a Igreja Lusitana, conforme entendemos da vontade e dos escritos do Rev.^{mo} Bispo Nash. Oremos fervorosamente para que a escolha seja feita com a inspiração de Deus.

Já não podíamos compreender por mais tempo tal silêncio sobre um bispo para uma Igreja Episcopal. Pois «episcopal» deriva de «episcopos», palavra grega que significa *bispo*. E sendo o Bispo a centralização das nossas ideias e da nossa organização religiosa, mentiríamos se disséssemos que tudo corria bem sem um bispo. Só alguns anos de experiência nos poderão fazer sentir como temos vivido acéfalos.

O Bispo a ser eleito não será, como todos sabem, o primeiro na história da Igreja Lusitana. Já a nossa Igreja teve a honra de ver eleito bispo, em 1922, o Rev. Santos Figueiredo, então presidente do Sínodo. Antes do Bispo Santos Figueiredo foram eleitos também, D. Herrerros de Mora, vulto inesquecível na Igreja Lusitana, o mais brilhante entre os seus fundadores, que morreu antes de ser sagrado, e Godofredo Pope, cónego irlandês que, por ser estrangeiro se recusou a aceitar a função. Insistia que uma Igreja portuguesa deve ter um Bispo português. Depois da morte do Bispo Figueiredo (1937) parece ter caído a Igreja num marasmo de que agora, pela graça de Deus, desperta. Estamos finalmente a reconhecer que um bispo se torna imprescindível na personalidade da Igreja, na orientação da sua marcha, no desenvolvimento dos seus negócios, com autoridade necessária.

O actual entusiasmo pela eleição e sacração de um Bispo é tão grande que já houve quem sugerisse elegerem-se dois. Mas julgo não ser de momento aceitável a sugestão, por não termos ainda um número de párocos que a justifique. Temos presentemente oito párocos no activo, apesar de haver dez paróquias. Sagrarem-se dois bispos significaria ficarmos com menos dois presbíteros.

Depois de tantos anos sem bispo, não cremos que a Igreja se reorganize melhor com dois bispos, provavelmente, com diferentes pontos de vista.

Deixai, portanto, que o bispo se levante e que a Igreja cresça, como prevê a experiência do Rev.^{mo} Nash, que o número de clérigos aumente, e depois, muito depois, talvez seja possível que se sinta a falta de outro bispo. Por agora achamos que um chega, ao mesmo tempo que é verdadeiramente necessário.

Por vezes a vida intriga-nos com os seus paradoxos, vulgarizados em ditos anedóticos e máximas tragi-cómicas, a ponto de sentirmos exagerado o pensamento mais real. «Cogito, ergo sum»,

dizia o filósofo, no gesto nobre e firme com que julgava arrancar do espírito as peias profundamente arraigadas no pensamento vulgar. O «penso, logo existo» de Descartes era o grito anti-escolástico duma nova arte de pensar por método indutivo. Mas não bastava ao grande público o método cartesiano, como não bastou a divisa socrática: «conhece-te a ti mesmo». A vida continuou na mesma complexidade, criando as leis contraditórias com que o pensamento humano constrói os subtis paradoxos que a filosofia não dissolveu.

Vêm estes pensamentos a propósito da superstição que se desenvolve na América do Norte, país moderno, onde a instrução é compulsória, até aos dezasseis anos, e onde os amplos portões das grandes universidades se abrem sem perguntarem quem entre (a não ser que seja indivíduo de cor: outra mancha no espírito democrático americano) e do qual esperávamos que tudo exportasse menos superstição. Pois ainda há poucos meses uma companhia portuguesa de navegação marítima, com carreiras para a Florida, se viu na contingência de ter de mudar para 11-A os números 13 dos camarotes de dois dos seus paquetes, por muitos americanos se recusarem a viajar num camarote com esse número. Ainda haverá quem pense que Portugal está atrasado cinquenta anos em tudo?

A superstição e a idolatria são desde tempos remotos duas doenças da alma religiosa. Quando um povo reconhece que as doenças do corpo não podem expulsar-se com violência, edifica hospitais e enfermarias, que inaugura faustosamente com a presença de entidades superiores, criando pessoal especializado no tratamento das doenças. Os povos primitivos também edificaram hospitais para a alma — os templos — e criaram sacerdócios aparatosos com que procuravam sarar a doença da busca ao invisível, ao místico, ao transcendente. Adoraram-se animais, rios, árvores, imagens divinizadas, o sol, o fogo, etc. S. Paulo, levando aos atenienses um novo remédio para a cura da alma religiosa — Jesus Cristo Crucificado — encontrou entre os muitos das dezenas de milhares dos deuses gregos, um altar ao *Deus desconhecido*. Foi por aquelas palavras, como um grito de alma dolorida, que S. Paulo principiou, discutindo com Estóicos e Epicuristas, em volta da grande Acrópole, a eficácia do remédio divino. O filho de Tarso deixara nos seus escritos os métodos da graça divina que tão hábilmente soube usar. Passou o Apóstolo, e os métodos não deixaram de ser avidamente usados; edificaram-se novos templos, encaminharam-se as multidões e depois... enterraram-se os livros do grande Apóstolo em camadas sucessivas de luxúria, de fausto eclésiástico e de orgulho sacerdotal. Tornaram a encher-se os templos

de imagens e as mentes de superstições. Romperam os clarões da Reforma no século XVI, desenterraram-se os escritos de S. Paulo e tornaram-se benignas as doenças da superstição e da idolatria.

Sentimos, quatro séculos depois, constagido o coração ao constatar que já a luz da Reforma se vai mostrando frouxa em alguns sectores protestantes que, mecanizando a constância da oposição da Bíblia à superstição e à idolatria, se tornam bibliólatras e usam o Sagrado Escrito como um oráculo, abrindo-o de olhos vendados e lendo as palavras onde põem o dedo indicador, para interpretar o versículo com ares de videntes.

PENSAMENTOS de homens célebres

Amar é querer bem ao próximo.
São Tomás

O bem é a ordem do amor.
Santo Agostinho

Deus faz sempre geometria.
Pitágoras

Um ateu não pode ser geómetra.
Descartes

Não há nenhum povo, por mais selvagem que seja, que ignore que existe Deus.
Cícero

Senhor! Fizeste-nos para Ti e o nosso coração estará sempre inquieto até repousar em Ti.
Santo Agostinho

Não devemos achar estranho que haja na natureza de Deus, que é imensa, e naquilo que Ele fez, muitas coisas que excedem a capacidade do nosso espírito.
Descartes

A maior desgraça do homem não é a pobreza, nem a doença, nem a morte; é a infelicidade de ignorar para que nasce, sofre e morre.

E. Lamy



PELA IGREJA



Igreja de São Paulo

CASAMENTOS: Uniram-se em santo laço de matrimónio na Igreja de Deus, em 23 de Março p. p., os nossos irmãos Sr. Carlos de Oliveira com a Sr.^a D. Micaela de Oliveira; e o Sr. José Baptista com a Sr.^a D. Silvína Baptista. Em 20 de Maio p. p., uniram-se também sob a bênção de Deus os irmãos, Sr. Heinrich Meier com a Sr.^a D. Christine Meier.

Aos três casais cristãos, que manifestamente cumprem um preceito santo da Igreja Cristã, desejamos as mais abundantes bênçãos dos Céus, para que como esposos vivam fiéis um ao outro e ambos a Deus.

BAPTIZADOS: No dia 21 de Maio, recebeu o santo sacramento do baptismo o menino Mário Rui, filho do Sr. António Nunes Carocha e da Sr.^a D. Albertina Lopes da Silva. Foram padrinhos o Sr. Mário Lopes da Silva e a Sr.^a D. Albertina de Lourdes Carocha Nunes.

No dia 22 de Setembro último, foi também abençoado pelo santo sacramento do baptismo o menino Manuel Luís, filho dos nossos queridos irmãos, Sr. João António de Matos Lopes e Sr.^a D. Maria Graziela de Sousa Lopes. Apadrinharam com toda a reverência e sentido de responsabilidade cristã no acto, os avós paternos do baptizando.

No primeiro baptizado foi celebrante o pároco e no segundo o coadjutor.

NA MÃO DE DEUS: Partiram para o Senhor, dando até ao último momento bom testemunho da sua Fé, apesar do longo sofrimento que ambas, tão santa e resignadamente suportaram nesta vida, as nossas irmãs, Sr.^{as} D. Maria Isménia Guita (em 5 de Junho) e D. Irene Sampaio Trigueiros (em 12 de Setembro).

As famílias enlutadas enviamos os nossos sentidos pêsames pela dor da separação.

CONFIRMAÇÕES: Pelo Rev.^{mo} Bispo Nash, em 9 de Maio p. p., foram confirmados 17 irmãos. Deus proteja com as mais ricas bênçãos os novos comungantes.

NOVA RESIDÊNCIA PASTORAL: Em acto solene, foi entregue à Junta desta Paróquia, em 6 de Julho p. p., pelos procuradores de Pulvertaft & C.^a, uma magnífica casa de dois andares, de estilo artisticamente adaptado ao do templo a que está anexa, e que servirá de nova residência ao nosso pároco, Rev. Eduardo Moreira.

Visitantes Ilustres

REV.^{mo} BISPO NORMAN B. NASH: Passou uma semana entre nós, em Maio último, este ilustre prelado da Igreja Episcopal da América do Norte, como um prolongamento simpático da visita do falecido e saudoso Bispo Keeler, ambos confessadamente amigos verdadeiros da Igreja Lusitana.

O Bispo Nash é um homem de meia idade, sorriso franco que inspira confiança e de presença vincadamente gentil. A sua figura episcopal deixa com as suas palavras carinhosas e firmes uma espiritualidade que nos agrada. As suas ideias sobre a Igreja Lusitana parecem favorecer-nos criando em nós o estímulo pela responsabilidade. É um clérigo de ideais democráticos cristãos.

Manifestou o desejo de se reunir com todos os obreiros do Sul (creio que no Norte fez o mesmo) e no dia 7 de Maio teve presentes, na secretaria do templo de S. Paulo, 18 obreiros, clérigos e leigos, das várias congregações. Para apreciarmos o grau de singeleza do Rev.^{mo} Nash, bastará citar as suas palavras, ao ser tratado por um dos clérigos por «my lord»: «por favor não me trate por *meu senhor*, pois venho dum país democrático onde essas coisas não se usam».

O Rev.^{mo} Nash prometeu com interesse voltar em Novembro deste ano, talvez para estar presente ao Sínodo e para depois exercer as suas funções episcopais, segundo o rito da nossa Igreja.

REV. F. W. GILPIN: Conforme anunciámos no número anterior, o Rev.^{mo} Bispo Nash fazia-se acompanhar de outra figura de honra entre nós: o Director da Sociedade Auxiliadora das Igrejas Reformadas de Espanha e Portugal, e tesoureiro do Colégio Teológico de Clifton, em Bristol (Inglaterra), onde o Redactor deste jornal estudou teologia, antes de ser ordenado.

O Rev. Gilpin manifestou-se amigo dedicado da Igreja Lusitana, expressando o seu desejo de que mais jovens fossem enviados a Inglaterra para estudarem teologia, pois agradou-lhes a impressão deixada pelo Rev. J. Soares Carvalho.

O Rev. Gilpin planeia estar connosco em Novembro próximo, por ocasião da

O Nosso Director

e a sua Esposa nos Estados Unidos

Partiu em fins de Agosto para os Estados Unidos o nosso Director e querido Amigo, Dr. Leopoldo de Figueiredo, acompanhado da sua Ex.^{ma} Esposa, D. Violet Hall de Figueiredo.

O Dr. Figueiredo, clínico de reconhecido valor entre nós, vai àquele país estudar como bolsheiro da Alta Cultura e da Fundação Guebenkian, ficando durante alguns meses no Hospital de Johns Hopkins, em Baltimore.

Os seus colaboradores — e certamente todos os leitores — lhe enviam desta nossa terra um apertado abraço com desejos de grande sucesso e de ricas bênçãos de Deus no seu trabalho secular e espiritual — embora creiamos que um médico seja indirectamente um cooperador da Obra da Igreja, o que torna a sua actividade dupla ao serviço de Deus.

A Sr.^a D. Violet, os nossos respeitosos cumprimentos.

visita do Rev.^{mo} Nash e do Sínodo da Igreja.

SR. ARCHIBALD PATTERSON: Tivemos o prazer de receber a bordo do paquete «Império», vindo de África, o Sr. Archibald Patterson, superintendente da Missão do Norte de Angola (Uíge), que vem em gozo de férias com sua Esposa, ficando em Portugal cerca de um mês, donde seguirão para Inglaterra.

Durante o curto espaço em que conversámos sobre os mais variados assuntos, sentimos nas palavras e nos sorrisos do Sr. Patterson e da sua Esposa a afirmação da sua amizade e do seu interesse pela Igreja Lusitana.

A estes incansáveis Obreiros, que há 35 anos disseminam a Palavra de Deus em Angola, glorificando Deus e Portugal, desejamos umas férias refrescantes no remanso da sua terra natal e entre o carinho dos seus amigos e familiares.

Oração pela Reunião do Sínodo

Como se aproxima a reunião do Sínodo Geral da Igreja Lusitana, que desta vez deverá realizar-se em Lisboa, nos dias 31 do corrente, 1 e 2 de Novembro próximo, sentimos o dever de chamar a atenção dos leitores para a oração especial para esse fim, do Livro de Oração Comum, pág. 65, que nos incita a orar por aqueles que têm nas suas mãos a orientação da Igreja.

Transcrevemos a seguir a referida prece.

OMNIPOTENTE e sempiterno Deus, que pelo teu Santo Espírito presidiste aos concílios dos Bemaventurados apóstolos e prometeste, por meio do teu Filho Jesus Cristo, estar com a tua Igreja até ao fim do mundo: pedimos-te que sejas presente ao Sínodo agora reunido (ou que vai reunir-se) em teu nome e presença. Livra os teus servos de todo o engano, ignorância, orgulho e preconceitos; e, por tua grande misericórdia, dirige, santifica e governa-os na sua presente obra, pelo grande poder do Espírito Santo, para que o consolador Evangelho de Cristo seja fielmente pregado, recebido e seguido em todos os lugares, para destruir o reino do pecado, de Satanás e da morte; até que todas as tuas ovelhas desgarradas sejam recolhidas em um só redil e participem da vida eterna: pelos merecimentos e morte de Jesus Cristo, Nosso Senhor. *Amen.*

A Igreja Reformada em Portugal

Continuação da pág. 1

preparação intelectual e ética que o coloque à altura do cargo, da vocação. Porque aptidão sem vocação é luz sem calor, é razão sem consciência; mas não é menos degradante a vocação sem aptidão, correndo a religião o risco do dessoramento mórbido e pseudo-místico com que se fabricam as práticas exorcistas deletérias da ordem evangélica e da razão cristã. A vocação pressupõe a aptidão, o conhecimento real da causa, porque a Igreja é primeiro causa e depois efeito.

Por outro lado não podemos conceber as vocações moldadas em série para alimento de um mesmo padrão de doutrina religiosa que se imponha como privilegiado; admitimos que num país como o nosso haja lugar para dois sistemas de doutrina cristã: o católico-romano e o reformado. Estes sistemas podem na verdade coexistir no mesmo lugar, e até convergir influências no que ambos têm de comum e básico no pensamento cristão vernáculo, sem contudo terem necessidade de se confundirem ou hostilizarem. Importa acima de tudo que se orientem as vocações dos clérigos e dos plúmifivos impertinentes de ambas as Igrejas, acrisolando as suas intenções menos ortodoxas, o que não significa estimular o espírito da convivência. Com amor e conhecimento tudo se consegue, porque se a causa é uma os efeitos podem variar sem detrimento da verdade e da justiça.

Sra. D. Lavínia de Figueiredo

Esta nossa dedicada irmã, viúva do Bispo eleito Santos Figueiredo e mãe do nosso Director, partiu, em Agosto p. p., a bordo do magnífico paquete «Vera Cruz», para o Brasil, a fim de ficar alguns meses com o seu filho, Rev. Eurico de Figueiredo, que todos os leitores conhecem, se não pessoalmente, pelas suas magníficas ideias em prosa clara.

A nossa querida irmã desejamos uma abençoada estadia com os seus queridos de além Atlântico e um regresso aprazível.

NOTA DA REDACÇÃO

Como o Director de «O Despertar» se encontra ausente de Portugal até ao fim deste ano lectivo, toda a correspondência relacionada com o jornal deverá ser enviada para o Redactor, Rev. J. Soares Carvalho, Rua de S. Domingos à Lapa, 117 - c/v. — Lisboa

DEZ regras infalíveis para MATAR uma igreja

1. Não ir ao culto.
2. Chegar tarde ao culto.
3. Não ir à igreja quando o tempo está muito bom ou quando chove, quando está muito calor ou muito frio.
4. Não cantar; mais ainda: cantar só para lhe admirarem a bela voz de tenor ou de soprano.
5. Nunca orar pelo pastor nem pelo culto.
6. Nunca ficar nos primeiros bancos para não encorajar o pregador.
7. Considerar o ofertório um mal necessário. Dar com parcimónia.
8. Quando um estranho vem ao culto, não o cumprimentar, não lhe dar o lugar nem oferecer o livro de hinos, para que ele não se sinta atraído para a Igreja.
9. Nunca levar ao culto as visitas de domingo.
10. Abster-se cuidadosamente de propor ao vizinho para irem ao culto de domingo.

O culto não é um acto facultativo, é um acto obrigatório:

«Lembra-te do dia de descanso para o santificares».

Deus convoca-te todos os domingos ao seu culto. Se não vais,

— recusas a Deus a adoração que Lhe deves: és um ingrato;

— furtas-te ao que Deus te quer dizer: és um medroso;

— pretendes lançar-te sozinho na vida: és um orgulhoso.

Trad. do Francês

Necessitará a Igreja Lusitana

de um Bispo próprio?

Continuação da pág. 1

com os seus compatriotas, participando de todos os laços da tradição, da cultura e da língua pátria, e com anos de experiên-

cia como comungante e presbítero da Igreja Lusitana. Um bispo visitante pode aconselhar e ajudar; não pode contudo orientar tão bem como um bispo natural e residente.

3. Uma das partes mais importantes da função de um bispo é ser «pastor pastorum», pastor dos pastores. Ele tem de guiar os candidatos ao ministério da Igreja nos seus anos de preparação e ser pastor permanente do clero ordenado, até que entregue essa função vital ao sucessor. É óbvio que um bispo natural e residente estará muito mais apto a realizar esse ministério pastoral entre o clero da Igreja Lusitana.

4. Outro importante ministério do bispo é ajudar a preencher as vagas pastorais das igrejas locais, e conferenciar com as autoridades laicas das paróquias e com o clero, quando se levantam problemas difíceis. Como pode um visitante estrangeiro fazer isto com eficiência?

5. Um bispo deve orientar e estimular a maneira de se criarem fundos e de se administrarem os fundos centrais, e ainda no cumprimento das leis canónicas da Igreja. Um bispo não é um monarca absoluto, porque os direitos do povo e do clero da Igreja em todos estes assuntos não se podem desprezar; mas uma das vantagens da Igreja Episcopal é ter no bispo que escolhe o seu próprio superintendente com a autoridade necessária para tal superintendência. Para esse trabalho vital também será indispensável um bispo natural e residente.

Eu podia juntar muitas mais razões válidas que justificariam a minha esperança de que a Igreja Lusitana terá em breve um Bispo próprio, e a minha expectativa de que, à semelhança da actual Igreja Episcopal Reformada de Espanha, com o seu novo Bispo, a Igreja Lusitana entrará numa fase mais forte e feliz da sua vida, como vital e crescente corpo Cristão em Portugal. A semana que na última primavera estive ali como visitante, convenceu-me da sua coragem e da sua fé sob dificuldades. Quanto mais depressa ela escolher, mantiver e seguir o seu próprio Bispo, mais brilhante, penso eu, será o seu futuro.